

## Tragédia Anunciada

O governo brasileiro deve se mobilizar com urgência para evitar um flagelo iminente sobre a Amazônia: o desmatamento de três a cinco milhões de hectares, algo entre de 25% a 40% da cobertura florestal do Suriname, que faz fronteira com o Brasil, por madeiras do Sudeste asiático, principalmente da Malásia.

Depois de devastar seus países de origem, essas empresas estão se aproveitando das terríveis dificuldades econômicas que o Suriname atravessa para conseguir concessões sobre a parte virgem mais extensa da floresta tropical amazônica, acenando com investimentos de mais de meio bilhão de dólares, quase o PNB da antiga Guiana holandesa.

A proposta parece irrecusável, mas há algo mais do que o dinheiro em jogo: estas florestas antigas abrigam dezenas de milhares de povos indígenas, negros de origem africana e ameríndios, com íntimo conhecimento de suas ricas espécies. Tudo isso fica irremediavelmente condenado à extinção: gente, plantas medicinais, pássaros.

Para os vendilhões de madeira é um negócio e tanto. Com as florestas asiáticas destruídas e o preço da madeira em alta, os comerciantes malaios e indonésios, que enfrentam em seus respectivos países novas leis de proteção ambiental e impostos em alta, elegeram o pobre Suriname como alvo preferencial de seus negócios sujos.

Sujos não apenas porque predatórios do ponto de vista ecológico e escorchantes do ponto de vista econômico (compram por US\$ 1 o que venderão por US\$ 10). Mas também porque estão distribuindo propinas a rodo para faturar alto com a sistemática destruição de uma biodiversidade inestimável e não renovável.

Pela lei do país, o Parlamento deve aprovar concessões superiores a US\$ 150 mil. Relatórios reservados de respeitáveis institutos internacionais, no entanto, mencionam expressamente muito dinheiro *under the table* ("por debaixo da mesa"), sem falar no fato de que o irmão do ministro das Relações Exteriores do Suriname é o representante da firma malaia Bergiyah, a mais interessada no atentado ecológico.

Tendo conquistado a independência em 1975, o Suriname passou por uma revolução, é governado atualmente por um frágil governo democrático de coalizão, e enfrenta uma inflação de 500% ao ano, tendo resistido bravamente às recomendações do FMI para reestruturar sua economia. A Holanda, antiga potência colonial, se limita a oferecer assistência técnica, recusando-se a fornecer empréstimos adicionais, caso sua antiga colônia não aceite um ajuste.

Esforços estão sendo feitos no plano internacional (por parte do BIRD) para oferecer a este pobre país alternativas a esta tragédia ecológica, que também ameaça a vizinha Guiana. Enrique Iglésias falou em criar um fundo, que permita o adiamento das concessões, envolvendo projetos de ecoturismo.

O presidente Venetiaan ainda não deu sua resposta. O Banco Mundial está pressionando por seu lado. Cabe agora ao Brasil, cujas florestas serão fatalmente atingidas pelos métodos espúrios destas madeiras, entrar em cena e ajudar o país vizinho a resistir a esses mercados do apocalipse. É uma excelente oportunidade para o Brasil demonstrar que tem uma política correta para a Amazônica.